

OS EFEITOS COLATERAIS DA PSICANÁLISE E A REFORMA PSIQUIÁTRICA

Side effects of Psychoanalysis and Psychiatric Reform

Oswaldo França Neto¹

RESUMO

Ao contrário de outras práticas, o objeto que a técnica analítica promete atingir para os seus pacientes no início do tratamento é o que de menos importância tem. A psicanálise propõe o tratamento de um mal estar, mas o que ela provoca é a subversão da tranquila paz que ilusoriamente se almejava restituir. Longe de serem indesejáveis para um psicanalista, são esses efeitos outros, erroneamente considerados como secundários ou colaterais, que realmente importam, pois carregam a reinscrição do sujeito, relançando-o na vida. Isso se torna evidente na Reforma Psiquiátrica, onde, ao conceder cidadania aos considerados como acometidos pela desrazão, a psicanálise acaba por provocar, como efeito colateral, a vacilação do saber racional que sustenta a civilização. Esses efeitos colaterais de desestabilização do instituído são os principais motivos da resistência da sociedade frente a essa técnica. Ela rapidamente reconhece o risco que a psicanálise oferece, ao propiciar, com a desorganização dos laços pré-estabelecidos, a presentificação de um excesso que tanto almejava-se manter no esquecimento.

Palavras-chave: Efeito colateral. Verdade. Reforma Psiquiátrica. Excesso. Nome.

ABSTRACT

Unlike other practices, the object that the analytical technique promises to achieve for its patients, upon start of treatment, is the one of less importance. Psychoanalysis suggests the treatment of an ill-being, but what it causes is the subversion of the quiet piece that is deceptively longed to be restored. Far from being undesirable for a psychoanalyst, these other effects, wrongly deemed as secondary or side effects, are those really importing, once they drive the

1. Professor adjunto do Programa de Pós-graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do GT "Dispositivos Clínicos em Saúde Mental" (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação – ANPEPP).
E-mail: oswaldofranca@yahoo.com

reinstatement of the subject, reinserting him/her on life. This becomes evident in the Psychiatric Reform, where, by granting citizenship to those considered as attacked by unreason, psychoanalysis ends causing, as a side effect, vacillation of the rational knowledge that supports civilization. These side effects of destabilization of the instituted are the primary reasons of resistance from society upon this technique. It quickly recognizes the risk that psychoanalysis offers, by providing, with the disorganization of the pre-established ties, the presentification of an excess that was so yearned to remain in oblivion.

Keywords: Side Effect. Truth. Psychiatric Reform. Excess. Name.

A psicanálise é profícua em produzir resistências. Poderíamos dizer que essa é uma de suas características principais. Sua morte é de tempos em tempos anunciada, em manifestações frequentemente ruidosas e comemoradas. Na França, recentemente, foi lançado, com grande repercussão na mídia, o *Livro negro sobre a psicanálise: viver e pensar melhor sem Freud*, organizado por Catherine Meyer (Meyer, 2005/2011), e pouco tempo depois houve o desaconselhamento pela HAS (*Haute Autorité de Santé*) do tratamento do autismo por essa forma de abordagem. Esse desaconselhamento significa, na prática, o descredenciamento de todas as clínicas no país especializadas em autismo e que fazem uso da psicanálise, o que quase implica em uma reestruturação no serviço público com relação ao tratamento dessas crianças. Se a resistência à psicanálise é notória, também o é sua capacidade em se reinventar e permanecer viva. Mas qual será o motivo pelo qual essa teoria produza tanto incômodo? Se os pacientes a procuram, e alguns deles, a partir do processo analítico, passam efetivamente a lidar de forma mais produtiva com a angústia que antes os paralisava, porque essa forma de tratamento produz na sociedade reações tão adversas? Uma forma profícua de abordar essa questão talvez seja por meio daqueles efeitos “outros” que advenham do tratamento, que extrapolem o simples trato da angústia e dos sintomas, e que, talvez, para a sociedade, sejam entendidos como indesejáveis efeitos colaterais.

Pensando neles, os possíveis efeitos colaterais da psicanálise, podemos nos lembrar da deliciosa comédia espanhola “Inconscientes” (2004), de Joaquim Oristrell. Nela, ambientada em 1913, um jovem psiquiatra, após *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.5, n.11, p.1 - 13, 2013

mergulhar na obra de Freud, se identifica de tal forma com o que está descrito, passando a sentir intensamente em suas próprias experiências toda a perversidade polimorfa que estaria na nossa gênese, que chega à conclusão, pelo bem da humanidade, que o criador da psicanálise deveria ser assassinado. Aos seus olhos, independente da teoria ser verdadeira ou não, e ele sabia que o era já que a tinha visto integralmente em si mesmo, em nada ela poderia ser útil, ao contrário. Melhor viver na tranquila paz da ignorância do que ter conhecimento da desconcertante perversidade que nos constitui.

A DESLOCALIZAÇÃO DA VERDADE

A psicanálise nasceu de um deslocamento, de uma subversão do mundo da consciência e do saber instituído. Foi com as histéricas de Charcot, pacientes inclassificáveis que recusavam em se deixar apreender pelo saber psiquiátrico da época, que Freud elaborou sua teoria, transformando o que antes era resto (as pacientes de Charcot), nas legítimas representantes da verdade que nos define (nossa sexualidade). A verdade, na concepção freudiana, se apresenta em excesso ao saber, na forma dos sintomas, atos falhos, lapsos, sonhos. Freud buscou nas histéricas, a quem ele reconheceu um saber subvertedor, o necessário movimento que abria, no campo da realidade que lhes era contemporâneo, uma forma possível de apresentação do excesso, onde a verdade, como furo no saber instituído, poderia se fazer atuante. Esse início da psicanálise, mais do que um mero ponto de partida, fala algo de sua essência, ou, talvez, de sua vocação a existir na subversão do que se coloca como essência. Sua apresentação, sempre que ela se convoca, é signo de um funcionamento, ou de uma localização deslocalizada em relação às classificações estabelecidas. A verdade, na forma com que é operacionalizada pela psicanálise, apresenta-se, no território, como o lugar onde dentro e fora, juntos em uma singular apresentação, estabelecem, fugaz e contingencialmente, a existência impossível de um universal localizado.

Nada melhor para situar a contemporaneidade da psicanálise do que a definição, oferecida por Giorgio Agamben, do que significa ser contemporâneo:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com

este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (Agamben, 2009, p. 58-9)

Ser contemporâneo, para Agamben, é estar defasado, em dissintonia com seu tempo. A psicanálise, fazendo uma analogia, trabalha com o que se desloca, com o que se apresenta como a-sincrônico, dando voz ao que se encontra inaudito. Sob certo aspecto, em relação ao instituído, o efeito mais evidente da psicanálise, e provavelmente o mais importante, não é o apaziguamento da angústia ou uma hipotética “libertação” dos sintomas, mas é aquilo que a sociedade percebe como indesejáveis efeitos colaterais, ao fazer existir o que deveria permanecer como inexistente. Ao dar voz às histéricas, Freud provoca, secundariamente, um incômodo no seio do saber científico que lhe era contemporâneo. Mais do que isso, tendo elas como ponto de partida, ao propor que tudo era sexo, Freud ilumina o imenso oceano enigmático que determina não apenas nossa vida mais íntima e privada, mas que é o verdadeiro solo, e a verdadeira causa, de tudo o que se pode chamar de civilização. O desconcertante, rapidamente percebido por Freud, é que na exata medida da importância do sexual, estava a necessidade de seu “esquecimento”. Os educadores, guardiões do que nomeamos por civilização, têm a clara noção do papel fundamental desse “esquecimento”:

Na medida em que os educadores prestam alguma atenção à sexualidade infantil, eles se comportam exatamente como se partilhassem nossos pontos de vista quanto à construção das forças defensivas morais à custa da sexualidade, e como se soubessem que a atividade sexual torna uma criança ineducável, pois eles estigmatizam toda manifestação sexual das crianças como um *vício*, sem poderem fazer muito a respeito. (FREUD, 1905/1972, p. 183-4)

Mas se a sexualidade é o que deve persistir inaudita para que a civilização possa se manter tranquila, ela é, paradoxalmente, a verdade indiscernível que a sustenta. Na sua falta, concepções como sujeito e desejo perdem sentido, tornando-nos senhores angustiados de um árido e inabitado campo de saber. Vítimas da cultura que as escravizava, as histéricas de Charcot souberam fazer valer e personificar o excesso que insistia em não se

deixar classificar, resgatando, naquele universo vitoriano, a verdade que lhes tinha sido excluída.

VERDADE E EXCESSO

Poderíamos pensar, assim, esses efeitos colaterais, a partir da concepção de excesso. A psicanálise presentifica, ou nomeia, um incômodo excesso que, à duras penas, procurava-se manter inoperante. Segundo Alain Badiou, um excesso de valência negativa, que poderíamos nomear, segundo nossos critérios, de angústia, precisa se positivar, ou se fazer presente sob a forma de uma “rebelião” (BADIOU, 2007, p. 215), para que de puro excesso inapresentável ele se transforme em algo manipulável, em incômodo a ser resolvido, trabalhado. Poderíamos colocar o sintoma no registro desse excesso positivado, como um incômodo que está lá não para ser anestesiado (como é o caso da angústia, que pede apaziguamento), mas uma urgência, uma exigência ao trabalho, como um furo no saber que a sustenta. O problema é que, a partir do momento em que se positiva, o excesso, de inapresentado, reverte-se em apresentação irreduzível, não absorvível, e potencialmente capaz, se sustentado, em desestabilizar toda a tranquilidade do saber estabelecido.

O desconcertante na psicanálise é que ela coloca a verdade como subtração ao saber, e não como algo que o preserve de forma invertida (BADIOU, 1996, p. 318). Ela se desloca do embate frontal, recusando-se, dessa forma, a entrar no puro confronto imaginário, onde haveria duas opções, uma certa e uma errada. A verdade não se propõe meramente inverter o que está instituído, preservando dessa forma o campo do saber. Sua presentificação encontra-se no campo da subversão, e não da inversão. Ela se apresenta, utilizando termos de Badiou, como uma diferença mínima (BADIOU, 2007), irreduzível, que se operacionalizada, acaba por desorganizar hierarquias e classificações. Os efeitos psicanalíticos não são em si destrutivos. Apesar de subtrair-se ao saber, vacilando os tranquilos limites do que se encontrava estabelecido, não há um vínculo essencial entre novidade e destruição. A novidade que uma verdade traz, como suplemento à situação antiga, não é necessariamente destrutiva. Se destruições ocorrem, e elas, com frequência,

Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.5, n.11, p.1 - 13, 2013

tendem a ocorrer durante o processo, isso acontece como inerente à situação ultrapassada, consequência da forma com que esta se organizava, e não como necessidade da verdade que advém (BADIOU, 1996, p. 318-9). Mas, sem dúvida, em certos momentos, e principalmente em certas configurações, a vacilação no saber pode se desdobrar em distúrbios irruptivos, considerados a seguir como justificativa, consciente ou não, para se tentar calar o que está operacionalizando esses distúrbios. É nesse sentido que a comédia espanhola citada acima é interessante. O que incomoda o jovem psiquiatra não é a convicção de que as ideias de Freud seriam falsas, mas a clara percepção dos estrondosos efeitos colaterais que essas ideias poderiam vir a provocar ao se fazerem presentes no vitoriano mundo que ele habitava.

VERDADE E SEMBLANTE

Se formos levar a sério essa concepção de verdade, onde ela existiria enquanto excesso em relação ao saber, como suplemento indiscernível a um nome antes repertoriável nas enciclopédias, e que, a partir dessa adjunção, se deslocaliza, desorganizando o saber, como ficaria, para nós e para a sociedade, a relação entre verdade e semblante? A questão é delicada, pois expõe uma fratura irreduzível, negada pelo conhecimento sábio, devido ao risco de se deixar exposta a inconsistência perigosa e incômoda que se encontra na gênese de qualquer organização social. A verdade não pode ser verbalizada em sua plenitude, da mesma forma com que o sujeito só pode ser concebido nos intervalos dos significantes, em situação de exclusão à cadeia. A verdade apresenta-se sempre nos desarranjos e tropeços, nomeados por Freud como formações do inconsciente (sonhos, sintomas, atos falhos e chistes). A ela é franqueada ser, apenas, meio-dita (LACAN, 1972/2003, p. 454), e toda vez em que se enuncia, o que obtemos é semblante:

(...) está claro que a Fala só começa com a passagem do fingimento à ordem do significante, e que o significante exige um outro lugar _ o lugar do Outro, o Outro-testemunha, o testemunho Outro que não qualquer de seus parceiros _ para que a Fala que ele sustenta possa mentir, isto é, colocar-se como verdade. (LACAN, 1960/1998, p. 822)

Por ter “a ver com o real” (LACAN, 1973/2003, p. 508), a verdade, assim como o próprio real, enquanto ponto de impossibilidade constituidor de qualquer realidade, é indissociável do semblante. Sua apresentação faz vacilar o campo da representação, “véu encobridor que protege o sujeito” (GARCIA, 2011, p. 7), expondo efeitos antes inauditos. Utilizando palavras de Zizek, para Lacan:

(...) o real não está logo atrás, escondido pelo semblante, ele é *o real do semblante*. Se você destruir o semblante você perde também o real. (...)

Em outros termos, *Lacan não é cínico*, pois o cinismo consiste a crer que as aparências são somente aparências enquanto o objeto da psicanálise é de estar consciente que o real é *o real das aparências*, o real não está escondido atrás das aparências, ele está *incluso nas aparências*. (ZIZEK, 2011, tradução do autor¹)

Sendo semblante e verdade indissociáveis, o que é efeito verdadeiro e efeito “errado”? Até que ponto, para um psicanalista, é possível distinguir a cura daquilo que é considerado pela sociedade como sendo da ordem do efeito colateral?

A psicanálise lida com restos, com aquilo que não tem uso ou aplicabilidade direta, material informe, rico em sua potencialidade infinita a adquirir forma. Ao mesmo tempo em que são supostamente excluídos, os restos nos dizem como continuar (GARCIA, 2007, p. 14). Ao propormos ao paciente para falar livremente, sem preocupações com a relevância ou efeitos práticos do que está sendo dito, a prática analítica se desvincula da lógica produtiva, propondo como relevante o que normalmente é tido como devaneio, descartável e sem importância. Na pragmática contemporânea, ela coloca em ação o que se encontra fora da engrenagem, criando movimentos desordenados que deslocaliza os objetos marcados de nossa vida cotidiana. Na sua prática não é possível fazer planejamentos ou projetos, onde etapas poderiam ser previamente estabelecidas. As soluções se dão passo a passo, na exata medida em que os problemas se coloquem. Qualquer tipo de previsão

¹ “(...) le réel n’est pas juste derrière, caché par le semblant, c’est le *réel du semblant*. Si vous détruisez le semblant vous perdez aussi le réel. (...)

En d’autres termes, *Lacan n’est pas cynique*, parce que le cynisme consiste à croire que les apparences ne sont que des apparences alors que l’objet de la psychanalyse c’est d’être conscient que le réel c’est *le réel des apparences*, le réel n’est pas caché par les apparences, il est *inclus dans ces apparences*.”

sábua mostra-se rapidamente caduca, pois a verdade não se deixa aprisionar-se a qualquer determinação prescrita pelo saber.

A VERDADE E OS NOMES

O que está em questão é o estatuto a se dar ao termo “nome”. Propusemos acima que a verdade se presentifica como excesso em relação ao campo da realidade (ou ao campo da consciência, já que nesse contexto elas diriam da mesma coisa). O grande problema é como fornecer a esse excesso a possibilidade de se apresentar como algo manipulável, apreensível, para que dele possamos fazer a verdade efetivamente se produzir como efeito em nossa existência. Enquanto universal (já que toda verdade, por definição, é universal), ela não pode se limitar a ser um único elemento, não podendo ser discernível ou destacada como algo distinto, já que concerne a tudo o que se apresenta, ou a todos os elementos daquele mundo. A verdade, enquanto eterna e infinita, não pode ser localizada, e, portanto, tem sua apresentação interdita. Por só poder existir como excesso em relação aos elementos do mundo, para se apresentar, ela deve se fixar, como suplemento indiscernível, a um nome previamente existente. Esse nome, que é contingente (pode ser qualquer um), passa a carrear em si a verdade indiscernível daquele mundo. Apesar de ser apenas mais um dentre outros, a partir do momento em que ele é suplementado por esse excesso, este nome se torna aquilo que carrega o elemento indiscernível comum a todos os elementos (nomes) do dito mundo. Ele não é, e isso é extremamente importante, a personificação em si da verdade. Ele é apenas aquilo que, contingencialmente, está suplementado por essa verdade inapresentável. E toda sua força depende da capacidade em se manter marcado pela indiscernibilidade que lhe foi suplementada, sendo ela, e somente ela, a razão de sua potência. Dessa forma, os nomes que nos apontam para verdades (factíveis estes de serem pensadas no plural, já que sua apresentação está na dependência de algo que, contingencial e paradoxalmente, a localiza), não existem como tal previamente. A suplementação da verdade é uma deslocalização desse nome, que, a partir de então, vai se apresentar como um lugar deslocalizado, posto que, enquanto que suplementado pelo indiscernível, ele só pode existir como ilocalizável.

Acreditar que ele em si é a verdade propriamente dita significa querer localizar o ilocalizável, apagando o indiscernível que o sustenta como nome de uma verdade, e inserindo-o nas relações predicativas e na preservação de bens. O que está em excesso não é o nome propriamente dito, mas aquilo que o suplementa. Acreditar que o nome, em si, tenha uma posição paradigmática com vistas ao universal, é o primeiro e grande engodo que a apresentação da verdade pode ocasionar, pois nos lança no registro das identidades e das predicções, fonte e origem de discriminação e segregação.

Podemos, assim, pensar a psicanálise como algo que se produz primordialmente como efeito colateral, ou como tropeço de uma via pré-determinada por nomeações sábias. A verdade, enquanto furo no saber, é a deslocalização de nomes, desautorizando-os, nem que seja fugaz e precariamente, a serem utilizados de forma predicativa dentro dos parâmetros que nos determinam as boas enciclopédias. Um efeito inesperado, provocando um disfuncionamento na harmonia das boas classificações, dá voz a um nome anteriormente inexpressivo, que passa a partir de então a carrear toda a verdade da situação, até então inexistente segundo a sábia tranquilidade anterior.

ESTAMIRA E A REFORMA PSIQUIÁTRICA

Uma das situações, na sociedade, onde a psicanálise se fez mais presente foi no que aprendemos a nomear por Reforma Psiquiátrica. Ao propor outra leitura para o sofrimento mental, deslocando-o do sintagma da doença e do déficit, para a concepção de que ali se tratava do registro da diferença, a psicanálise fez uma poderosa contribuição para a desinstitucionalização dos considerados loucos ou insanos, até então submetidos a condições quase sempre sub-humanas de encarceramento. À primeira vista, pelo caráter fragrantemente humanitário que esse movimento carregava, poderíamos supor que ele seria rapidamente acolhido pela sociedade. Mas o que se observa é uma resistência, muitas vezes silenciosa, a qualquer tentativa de coabitação nas vias públicas dos que aprendemos a reconhecer como acometidos pela desrazão. O louco incomoda, e aparentemente mais do que pelo simples fato de pretensamente ser portador de algum tipo de distúrbio mental. A loucura

Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.5, n.11, p.1 - 13, 2013

ameaça não por ser a manifestação de um sofrimento que se preferia não ver, mas por sua recusa irreduzível em se deixar instrumentalizar pelo conhecimento sábio que garante nossos laços sociais. Ela insiste em persistir inclassificável, mantendo-se ao largo de todas as tentativas de institucionalização.

A Reforma Psiquiátrica, no que ela mantém de consonância com a psicanálise, encontra-se em eterno dilema, consequência da ambiguidade de seus propósitos. Se for dar explicações exclusivamente à sociedade, após a etapa inicial de desmantelamento do aparato hospitalar nosocomial e desenclausuramento dos considerados insanos, ela deve se desdobrar em medidas inclusivas, que os façam funcionar segundo as normas do meio social. Mas se sua preocupação for com a preservação desses pacientes enquanto sujeitos de seus destinos, sua ação será distinta. O “louco” caracteriza-se exatamente pela resistência em se deixar absorver, sob pena de deixar de existir como sujeito. Os chamados portadores de sofrimento mental são exímios em sua capacidade de se preservarem ao largo das classificações estabelecidas, insistindo em persistirem como excluídos, só que, agora com a Reforma, no próprio seio da sociedade. Na conciliação impossível desses dois objetivos, teríamos uma exclusão incluída, que passa a funcionar como sintoma do social, já que aponta para um impasse irreduzível que a fictícia universalidade da razão gostaria de ver escondida. Trata-se, no acompanhamento terapêutico feito com esses sujeitos, de uma prática em que a ação envolvida exige o assentimento de uma destituição. É buscando libertar-se dos técnicos que os pacientes poderão resistir enquanto sujeitos. Com os profissionais e contra eles: tarefa impossível para os agentes de saúde, existência impossível para o “louco-sujeito”. Trata-se, nas palavras de Agamben, de “uma prática, não um princípio”. Não cabe aqui o estabelecimento de princípios gerais, “salvo estar atento a não recair em um processo de re-subjetivação que seria ao mesmo tempo um assujeitamento, isto é, só ser um sujeito na medida de uma estratégia ou de uma tática” (Agamben, 2000, p. 3 [tradução do autor]). O trabalho dos técnicos deve recriar-se a cada momento, por meio do ultrapassamento de um fracasso inerente ao processo. O sucesso, aqui, significa fracasso, pois a única possibilidade de ex-sistência para o louco-sujeito baseia-se em uma reinscrição

Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.5, n.11, p.1 - 13, 2013

que frequentemente só pode viabilizar-se a partir do malogro das intervenções que, apesar de pretensamente terapêuticas, lhes são, por princípio, estrangeiras.

Um bom exemplo dessa desinserção inata é o filme documentário “Estamira”, de Marcos Prado, premiado em diversos festivais de cinema no Brasil e no exterior nos anos de 2004 e 2005. Nele é apresentado o percurso de uma portadora de sofrimento mental, psicótica, de 63 anos, que, conseguindo manter-se à margem da rotina dos dispositivos terapêuticos institucionais, não se deixa cronificar, construindo uma temporalidade própria a partir de sua trajetória de vida como catadora de lixo, por mais de 20 anos, no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, no estado do Rio de Janeiro². Estamira inventa seu território, do qual ela cuida, vive, retira seu sustento, e que se expande em algumas situações, indo além, bem longe, como na cena final, onde ela, em uma praia, esbraveja seus delírios. Vendo a construção de seu território, podemos pensar sua doença mental não a partir de uma essência, mas de um acontecido, uma duração em sua trajetória pessoal.

Estamira, ao se preservar fora das instituições de tratamento e seus protocolos, persiste como um ser anômalo na sociedade onde habita e transita. Ela cria um mundo próprio, o mundo Estamira, que se encolhe e se dilata, invadindo e produzindo efeitos nos seus entornos. Nos ambientes públicos em que circula, sua presença é simplesmente descartada, considerada como signo do sem sentido e, portanto, não aproveitável. Mas essa inapresentação persiste como incômodo, evidenciável em algumas relações onde sua presença acaba por se fazer presente, principalmente no entorno familiar, com variados graus de dificuldades e efeitos.

Ao se propor dar voz aos portadores de sofrimento mental, a psicanálise, à primeira vista, estaria propondo tratamento para alguém hipoteticamente necessitado de cuidados. Mas o ato de reconhecê-los como agente de seus desejos, portadores de plena cidadania, faz com que esses pacientes deixem de ocupar para nós o apaziguante lugar da desrazão, para tornarem-se

² Considerado o maior lixão da América Latina, o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, era frequentado por cerca de 1.700 pessoas que tiravam seu sustento catando e revirando as 10.000 toneladas de lixo despejadas ali diariamente, provenientes do Rio de Janeiro e da cidade vizinha. Ele foi recentemente desativado, no escopo da Política Nacional de Resíduos Sólidos, instituída pela Medida 12.305, de 2010. O objetivo dessa política é fechar todos os lixões do país até 2014. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.5, n.11, p.1 - 13, 2013

legítimos partícipes de nossa sociedade. Um cidadão, porém, que se desloca em relação às insígnias que o social lhe imputa, criando uma diferença mínima que desorganiza discriminações estabelecidas, e carreando, com sua desinibida presença, o vislumbre do excesso que teve que ser suprimido para que uma fictícia universalidade se constituísse. Estamira torna-se um incômodo, signo do excesso que a sociedade faz o possível para tamponar, na tentativa de esquecer a inconsistência que está na gênese de qualquer campo de realidade.

Esse efeito secundário de desestabilização do instituído, recolocando em cena a verdade indiscernível que lhe serve de solo, é o grande empecilho à aceitação da psicanálise. Se ela se propõe, à primeira vista, como uma técnica que visa apaziguar os sintomas, sendo essa a promessa que fazemos aos nossos pacientes, o que menos importa a um psicanalista é a eliminação destes ou quaisquer outros incômodos. Sua prática, ao contrário, só faz recolocá-los em cena, provocando, como efeitos colaterais, a desorganização do saber, e propiciando com isso o relançamento da verdade. A psicanálise, nesse sentido, trabalha o tempo todo com o engodo. Ela se deixa apresentar como detentora de um suposto conhecimento do que seria mais adequado para os seus pacientes, para que, a seguir, ao possibilitar o furo e a consequente destituição dessa pretensa adequação sábia, produzir, como efeito colateral, as imprevisíveis consequências da desestabilização do campo da realidade.

Nesse sentido, e a título de conclusão, ao contrário de outras práticas, o objeto que a técnica analítica promete atingir no início do tratamento é o que de menos importância tem. O importante são os efeitos outros, que advêm como consequência do trato desse objeto primeiro. Esses efeitos colaterais, longe de serem indesejáveis para um psicanalista, carregam a reinscrição do sujeito, relançando-o na vida. A psicanálise propõe o tratamento de um mal estar, mas o que ela provoca é a subversão da tranquila paz que ilusoriamente se almejava restituir. São esses efeitos outros, erroneamente considerados como secundários ou colaterais, que provocam tanta resistência na sociedade. Esta rapidamente reconhece o risco que a psicanálise oferece, ao propiciar, com a desorganização dos laços pré-estabelecidos, a presentificação de um excesso que tanto se almejava manter no esquecimento.

REFERÊNCIA

AGAMBEN, Giorgio. Une biopolitique mineure. In **Vacarme**, 10, Paris : Association Vacarme, 2000. inverno (<http://www.vacarme.eu.org/article255.html>).

_____. **O que é o contemporâneo? - e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BADIOU, Alain. **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. **O século**. Aparecida: Idéias & Letras, 2007.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1972. pp. 123-250.

GARCIA, Célio. **Estamira, novas formas de existência (por uma clínica da carência)**. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2011.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Écrits**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960/1998.

_____. O aturdido. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972/2003.

_____. Televisão. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973/2003

MEYER, Catherine. (Org.) **O livro negro da psicanálise: viver e pensar melhor sem Freud**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005/2011.

ZIZEK, Slavoj. **L'inconscient, c'est la politique**. 2011. In: <http://colblog.blog.lemonde.fr/2011/09/01/slavoj-zizek-linconscient-cest-la-politique/#more-1354> (acessado em 14/05/2012).